

História Antiga: Relações Interdisciplinares.

Paisagens Urbanas,
Rurais & Sociais

Carmen Soares, José Luís Brandão &
Pedro C. Carvalho (coords.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

**O ANFITEATRO DE CONIMBRIGA (COIMBRA, PORTUGAL):
BALANÇO DA RECENTE INVESTIGAÇÃO¹**
(The Amphitheater of Conimbriga (Coimbra, Portugal):
a review of recent research)

José RUIVO (jsruivo@sapo.pt)
Museu Monográfico de Conimbriga

VIRGÍLIO HIPÓLITO CORREIA (vrglcorreia@gmail.com)
Museu Monográfico de Conimbriga
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
vrglcorreia@gmail.com

ADRIAAN DE MAN (adriaandeman@gmail.com)
United Arab Emirates University
Department of History and Archaeology
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
adriaandeman@gmail.com

PILAR REIS (pilar.reis@gmail.com)
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra
pilar.reis@gmail.com

RESUMO - O anfiteatro romano de Conimbriga foi identificado em 1971 mas só em 1992 foi alvo das primeiras escavações arqueológicas. O presente artigo centra-se nas intervenções efectuadas pelos signatários no monumento e na área envolvente nos últimos 15 anos e apresenta-se como um balanço do actual conhecimento

PALAVRAS-CHAVE - anfiteatro; arqueologia; arquitectura; Conimbriga; urbanismo

ABSTRACT - The Roman Amphitheater of Conimbriga was identified in 1971 but the archaeological excavations only begun in 1992. This paper is based in the author's excavations in the building and it's environment in the last 15 years and intends to take stock of our knowledge on it

KEYWORDS - amphitheater; archaeology; architecture; Conimbriga; urbanism

¹ Trabalho desenvolvido no âmbito do projeto UID/ELT/00196/2013, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

1. INTRODUÇÃO

A existência de um anfiteatro em Conimbriga é conhecida desde 1971 mas a primeira intervenção arqueológica foi realizada apenas em 1992, por iniciativa do Museu Monográfico de Conimbriga, sob a direcção de Virgílio Hipólito Correia (Museu Monográfico de Conimbriga), Maria da Conceição Lopes (Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) e José Carlos Caetano (Direcção Regional de Coimbra do Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico)².

A quase total ausência de trabalhos de arqueologia tem sido devida ao facto de a maior parte do monumento estar situada em terrenos privados, situação que tem vindo a ser invertida nos últimos anos, com o lançamento de um projecto de aquisição da totalidade dos prédios situados na área do edifício, estando já consumada a aquisição de parte dos mesmos.

O edifício foi construído no vale correspondente ao canhão flúvio-cársico de Condeixa-a-Velha, tendo a sua implantação aproveitado as condições topográficas do terreno no sentido de, aproveitando o declive natural, reduzir ao mínimo a necessidade de construção de estruturas de grande envergadura, prática de resto bastante comum em monumentos deste tipo com o intuito de rentabilizar as vantagens oferecidas pela topografia³.

Boa parte da estrutura do edifício está destruída, nomeadamente a correspondente à cava - fruto de uma demolição intencional que terá ocorrido ainda na Antiguidade, o mais tardar em finais do século III ou inícios do século IV, eventualmente associada à construção da muralha baixo-imperial - que a excluiu na quase totalidade do novo perímetro urbano. Materiais pétreos resultantes dessa demolição terão sido reutilizados na nova estrutura defensiva.

Não obstante, mantêm-se ainda muito bem conservadas as entradas monumentais Oeste e Este, correspondentes ao eixo maior do edifício. Como se deduz a partir das estruturas existentes, estas duas entradas são compostas por 3 arcos abobadados. Na entrada Oeste os entulhos ultrapassam em aproximadamente 2 metros os níveis primitivos de circulação e a entrada Este está quase totalmente soterrada, à excepção do arco central, por dentro do qual ainda hoje passa uma linha de água, correspondendo ao traçado dos esgotos que, na época romana, encanavam as águas pluviais e o saneamento das construções situadas na área

² Correia 1994: 327-343.

³ J.-C. Golvin aponta o exemplo do anfiteatro de Saintes (*Mediolanum Santonum, Gallia Aquitania*) como sendo o que mais se parece com Conimbriga (Golvin 1988: 126). Todavia, exemplos deste pragmatismo construtivo aplicado em maior ou menor escala não faltam, disseminados por todo o Império. No que às províncias hispânicas diz respeito poderemos apontar, sem qualquer pretensão de exaustividade, casos como os dos anfiteatros de Bobadela (Frade e Portas 1994: 349-371), Cartago Nova (Pérez Ballester *et alii* 1994: 91-118), Segóbriga (Almagro e Almagro Gorbea 1994: 139-176), Itálica (Corzo Sánchez 1994: 187-211) e Augusta Emerita (Bendala Galán e Durán Cabello 1994: 247-264), entre outros.